

A QUALIDADE PRECEDE A QUANTIDADE – A PARÁBOLA DO SEMEADOR



“[4] Reunindo-se uma grande multidão e vindo a Jesus gente de várias cidades, ele contou esta parábola: [5] ‘O semeador saiu a semear. Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram. [6] Parte dela caiu sobre pedras e, quando germinou, as plantas secaram, porque não havia umidade. [7] Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram com ela e sufocaram as plantas. [8] Outra ainda caiu em boa terra. Cresceu e deu boa colheita, a cem por um’. Tendo dito isso, exclamou: ‘Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!’ ... [11] ‘Este é o significado da parábola: A semente é a palavra de Deus. [12] As que caíram à beira do caminho são os que ouvem, e então vem o diabo e

tira a palavra dos seus corações, para que não creiam e não sejam salvos. [13] As que caíram sobre as pedras são os que recebem a palavra com alegria quando a ouvem, mas não têm raiz. Creem durante algum tempo, mas desistem na hora da provação. [14] As que caíram entre espinhos são os que ouvem, mas, ao seguirem seu caminho, são sufocados pelas preocupações, pelas riquezas e pelos prazeres desta vida, e não amadurecem [isto é, não dão fruto com perfeição]. [15] Mas as que caíram em boa terra são os que, com coração bom e generoso, ouvem a palavra, a retêm e dão fruto, com perseverança’.” (Lucas 8.4-8, 11-15 – Nova Versão Internacional)

É bem fácil notarmos que Jesus utilizou grande parte do tempo em que viveu na terra, para ensinar e formar discípulos. A maneira predileta de Jesus ensinar era através de parábolas¹ – histórias que transmitem uma mensagem indireta, por meio de comparação ou analogia. As parábolas ensinam às pessoas algo que elas não sabem, por meio de comparação com algo que conhecem.

O Senhor Jesus contou cerca de quarenta parábolas diferentes. Em parte, “*para que se cumprisse o que havia sido falado pelo profeta [Asafe, cf. Salmo 78.1]: Abrirei a minha boca em parábolas; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo.*” (Mateus 13.35). Mas o Senhor Jesus também sabia que as pessoas gostavam de ouvir uma boa história!

Grande parte das parábolas de Jesus giravam em torno de metáforas agrícolas, por exemplo: a figueira sem figos (cf. Lucas 13.6-9), a figueira sem folhas (cf. Lucas 21.29-31), a semente de mostarda (cf. Lucas 13.18-19), o joio (cf. Mateus 13.24-30) etc. Por trás de cada uma dessas histórias, estão presentes três verdades fundamentais:

1. Nós seremos conhecidos pelos “frutos” que produzirmos ao longo do caminho. Em certa ocasião o Senhor Jesus ensinou que “*pelo fruto se conhece a árvore; se a árvore é boa, seu fruto será bom; se a árvore é má, seu fruto será mau*” (Mateus 12.33).

¹ **Parábola.** Do grego παραβολή (*parabolé*), significa “*comparação, ilustração, analogia*”. O termo é formado por παρα (“ao lado”) + βάλλω (“lançar, arremessar”, em oposição a golpear), pela noção de uma coisa pode ser comparada com a outra se for colocada ao lado desta. Trata-se de uma narrativa curta, cujos elementos são eventos e fatos da vida cotidiana e que, mediante o emprego de linguagem figurada, transmite um conteúdo moral, sendo por isso erroneamente confundida com a fábula. É um conjunto de elementos, utilizados como comparação, para expressar outro tipo de realidade.

2. Os nossos “frutos” são resultados daquilo que somos intrinsecamente. Em outro momento, o Senhor Jesus explicou que o fruto produzido tem, em sua constituição, traços da árvore que o originou. Ele disse: *“Toda árvore é reconhecida por seus frutos. Ninguém colhe figos de espinheiros, nem uvas de ervas daninhas.”* (Lucas 6.44). Os frutos representam as consequências daquilo que semeamos em nossa vida cotidiana.

3. Não poderemos nos considerar como “árvores saudáveis” se não produzirmos “frutos”. Mais que isso, os frutos gerados precisam ser bons, de sabor e qualidade inquestionáveis. Essa é a marca dos verdadeiros discípulos de Cristo. O próprio Senhor Jesus que declarou: *“Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; meu Pai é glorificado nisto: em que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos.”* (cf. João 15.5, 8). No casamento entre Jesus a Igreja, caso não haja a geração de frutos, existirá um problema de esterilidade. A esterilidade, porém, não estará presente na vida do Noivo, que é e sempre será perfeito e saudável. Além disso, o fruto não se locupleta em si mesmo. Pelo contrário, o fruto só cumpre a sua missão, o seu propósito de existir, quando ele supre a fome ou a necessidade de alguém. Os que semeiam para si, são como quem semeia e colhe sem ter celeiro para guardar os frutos da colheita; são úteis, mas incompletos.

Dentre as parábolas com metáforas agrícolas que Jesus contou, uma das mais conhecidas é a “Parábola do Semeador”, que descreve as reações das pessoas à Palavra de Deus que é semeada. Em cada narrativa da parábola, a ênfase está na diferença de solos (corações) e de como eles respondem à Palavra semeada.

Na “Parábola do Semeador” são apresentados quatro tipos de solo onde a semente – a Palavra de Deus – é lançada. Dos quatro tipos de solo que recebem a semente, em apenas um ocorre a produção de frutos de qualidade. Nos demais, sobram apenas decepções e lamentos. Mas todos eles receberam a mesma qualidade de sementes – revelando que, mais importante do que aquilo que se fala, é a forma como se ouve. O mais trágico é que, quando trazemos a aplicação dessa parábola para dias atuais, chegamos a uma triste constatação:

A Palavra de Deus quando lançada no solo dos corações humanos, produz frutos de qualidade em apenas 25% dos casos. Isso implica dizer que, a cada quatro pessoas que ouvem a exposição da Palavra de Deus, apenas uma irá reter com qualidade aquilo que ouviu. A prova é a pesquisa realizada em 2012, pelo grupo *Changing the Face of Christianity* (Mudando a Cara do Cristianismo). A mesma relevou que apenas um, em cada quatro indivíduos que se apresentam como cristãos, admite levar uma vida que condiz com os ensinamentos de Jesus.² Essa é a razão pela qual o Senhor exclamou: *“Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!”* (v. 8). A colocação de Jesus – *“ouvidos para ouvir”* – pode até

² DAN MARTINS. Pesquisa mostra que um em cada quatro cristãos segue os ensinamentos de Jesus. Disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/um-cada-quatro-cristaos-seguem-ensinamentos-jesus-47242.html>. Acesso em: 23/11/2014.

parecer redundante de certa forma. Mas em termos espirituais, nossos ouvidos podem deixar de ouvir, tornando-se apenas adornos existenciais.

De volta à “Parábola do Semeador”, observamos que as sementes caídas à beira do caminho e posteriormente comida pelos pássaros (v. 5), representam as pessoas que são “roubadas” pelo Diabo por meio da dúvida – a inimiga da fé. Já as sementes que brotam sobre pedras e em seguida secam (v. 6), representam as pessoas que têm apenas uma fé sazonal que, assim como um antiácido efervescente inserido em água, se dissolvem ao simples contato com a provação (v. 13).

Mas o que eu quero chamar a atenção do leitor é sobre o que acontece com a terceira parte das sementes – aquela que cresce entre os espinhos e é sufocada por eles (v. 7). Ela representa as pessoas que são “sufocadas” pelas preocupações, riquezas e prazeres da vida (v. 14). As palavras utilizadas por Lucas, na explicação do que acontece com a terceira parte das sementes, diferem das utilizadas por Mateus e Marcos. Enquanto os dois primeiros evangelistas afirmam que as sementes que caíram e cresceram entre os espinhos, “*se tornaram infrutíferas*” (cf. Mateus 13.22), isto é, “*por serem sufocadas pelos espinhos, elas não produziram frutos*” (cf. Marcos 4.7, 18-19), Lucas afirma que a terceira parte das sementes chegou a produzir frutos, mas eles “*não amadurecem*” (cf. Lucas 8.14) – no texto bíblico original consta que as sementes οὐ τελεσφοροῦσιν (*ú telesphorusin* = “*não dão fruto maduro*” ou “*não dão fruto com perfeição*”)³ mas, ainda assim, frutificam.

Para que não haja o pensamento de que os escritores bíblicos se contradizem, precisamos entender como foi feita a composição dos Evangelhos. A maior parte dos teólogos entende que o primeiro Evangelho a ser escrito foi o Evangelho segundo a narrativa de Marcos. Muitos acreditam que Marcos – que não fez parte dos doze discípulos de Jesus – não chegou a ser uma testemunha ocular da maior parte das cenas que descreve. Pelo contrário, antigas tradições nos contam que Marcos é o intérprete de Pedro, e suas narrativas são, na verdade, resumos das pregações de Pedro sobre Jesus. Marcos escreveu de maneira precisa, embora não em ordem, todas as coisas de que lembrava e que foram ditas ou praticadas pelo Senhor Jesus Cristo.⁴ Anos mais tarde, o Evangelho segundo a narrativa de Marcos foi utilizado como base para a narrativa de dois outros Evangelhos (Mateus e Lucas)⁵. O trabalho do evangelista Lucas, porém, não se resume a simplesmente copiar o que Marcos havia

³ SCHOLZ, Vilson & BRATCHER, Roberto G.. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Trad. Literal. Barueri: SBB, 2004. 249 p.

⁴ RICHARDS, Lawrence O.. *Guia do leitor da Bíblia: uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit (Gênesis a Isaías) e Arsênio Novaes Netto (Jeremias a Apocalipse). Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 630 p.

⁵ Quando os três primeiros Evangelhos são comparados – Mateus, Marcos e Lucas – é bem fácil perceber que as narrativas são bem semelhantes em conteúdo e expressão. Como resultado, Mateus, Marcos e Lucas são conhecidos como os “Evangelhos Sinóticos”. A palavra “*sinótico*”, do grego (*sinotikós*), significa basicamente “*ver juntos com uma visão comum*” ou “*observar sob um mesmo ponto de vista*”, por conterem uma grande quantidade de histórias em comum, na mesma sequência, e algumas vezes, utilizando exatamente a mesma estrutura de palavras.

escrito. Lucas desenvolve sua narrativa através do que poderíamos chamar, hoje, de “reportagem investigativa”. Na introdução, o evangelista Lucas nos conta que seu trabalho é fruto de cuidadosa pesquisa (cf. Lucas 1.1-4). Ele focou em questões e detalhes históricos, ressaltando os elementos que considerava importante para os seus leitores. Para isso, Lucas fez uso constante do conhecimento que possuía em diversas ciências, para dar mais detalhes às suas narrativas – ao contrário dos seus companheiros que foram mais sucintos. Por exemplo: Lucas é o único que menciona a necessidade, de não apenas se construir sobre a rocha, mas também de “*cavar fundo e colocar os alicerces*” (cf. Lucas 8.48) sobre ela. Isto faz do Evangelho segundo a narrativa de Lucas o mais caloroso, sensível e atraente dos retratos do Senhor Jesus Cristo.

Lucas possuía conhecimento agrícola suficiente para entender que a terceira parte das sementes não foi lançada sobre uma já visível infestação de ervas, mas ao solo corrompido com sementes de plantas inúteis e daninhas. Portanto, durante determinado período de tempo, as sementes usufruíram dos raios solares e conseguiram se desenvolver. Somente com o decorrer do tempo, com o crescimento dos espinhos é que as plantas foram sufocadas e tiveram o amadurecimento dos seus frutos comprometido, isto é, eles permaneceram verdes, imaturos.

Da mesma forma, se não tomarmos cuidado, o simples fato de produzirmos frutos – ainda que imperfeitos – pode fazer com que sejamos iludidos por nós mesmos e passemos a considerar nosso coração – o solo da nossa vida – como terra boa, sendo que na realidade ele não passa de terra sufocante. O pior é que, semelhante ao ocorrido com as plantas na parábola, o processo de sufocamento não acontece da noite para o dia mas, passo a passo, progressivamente. As pessoas se deixam envolver pela depressão (ou empolgação) dos acontecimentos cotidianos, se distraem e, de maneira gradual, deixam de absorver os “nutrientes” contidos na Palavra de Deus. Como resultado, essas vidas passam a ser sufocadas e deixam de “*desenvolver a salvação com temor e tremor*” (cf. Filipenses 2.12). É claro que neste mundo há preocupações necessárias que precisamos administrar. Ainda assim, o foco das preocupações, mesmo legítimas, pode ir longe demais e tornar os nossos frutos imaturos, imperfeitos.

Imaturidade... Essa tem sido a marca de muitas igrejas do primeiro século (como a de Corinto, por exemplo) e também a marca de centenas de igrejas existentes em nossos dias. Vivemos um tempo em que as igrejas evangélicas brasileiras têm gerado frutos aos borbotões. Nunca antes em nosso país as igrejas evangélicas foram tão midiáticas. Mas, ao mesmo tempo, nunca elas foram tão pouco relevantes na sociedade como em nossos dias. No meio cristão evangélico, milhares de frutos têm sido gerados... Mas são frutos verdes, imperfeitos, imaturos.

A imaturidade de um fruto impede que ele seja aproveitado como deveria. Frutos verdes apresentam sabores que ficam aquém da expectativa de quem faz a colheita. A maioria tem gosto azedo ou amargo, além de possuir consistência extremamente dura.

O que gera frutos imaturos? O sufocamento. O verbo “sufocar”, do grego ἀποπνίγω (*apopnigō*), utilizado por Lucas, significa “prender a garganta de uma pessoa, estrangular”. No texto bíblico o verbo faz alusão a “sufocação por afogamento”⁶. Algumas traduções dizem que os espinhos lançaram sombra sobre as plantas e fizeram com que elas parassem de crescer e se afogassem. Não é de hoje que a geração evangélica contemporânea convive passivamente com o “afogamento” dos seus frutos, sem ao menos se dar conta desse triste fato. Deixaram de crescer, perderam a relevância.


Na narrativa bíblica, o sufocamento é representado pelas: **a) preocupações** – contínua distração e absorção das ansiedades diárias, as preocupações da vida que desviam a pessoa dos valores espirituais; **b) riquezas** – submissão ao domínio das possessões materiais; e **c) prazeres desta vida** – pleno desejo de satisfazer a natureza carnal e corrompida.

Os cuidados deste mundo, os enganos das riquezas e as ambições do dia a dia, são coisas que tiram o oxigênio da semente. Assim como a vida não pode prevalecer sem a presença do ar, não há como os projetos de Deus para nós se manterem vivos se eles são constantemente sufocados por tantas vontades e desejos paralelos.

Quando a terceira parte da semente caiu no solo corrompido, as sementes dos espinhos já estavam depositadas na terra. O que ocorreu depois foi que, após a semente brotar ali, os espinhos começaram a crescer paralelamente a ela. Ao concorrer com a semente de Deus, os espinhos ganham vantagem por se tratarem de coisas relacionadas ao material. É uma batalha mental entre as riquezas do espírito e as riquezas deste mundo. Os cuidados deste mundo são tudo o que se relaciona às necessidades humanas dentro de cada contexto sociocultural.

Portanto, a explicação da “Parábola do Semeador” deixa claro que o solo onde as sementes crescem entre os espinhos representa o coração não santificado de muitas pessoas que se dizem cristãs. De forma que devemos nos esquivar de tudo o que nos impede de receber total proveito da palavra que ouvimos. O fato de produzirmos frutos não significa que esses frutos sejam de qualidade. Mesmo que o resultado das nossas ações seja visto por todos e quantidade de frutos seja objeto de orgulho, precisamos estar cientes de que **a qualidade precede a quantidade**. Nenhuma quantidade de “frutos” pode fazer de nós bons “agricultores”. Precisamos ser bons antes de poder fazer o bem. Na realidade, o ideal é chegarmos ao ponto de preferir morrer a ter uma vida diária em que não haja a produção de frutos com qualidades aprovadas.

Soli Deo Gloria.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 28/12/2014, na Igreja Batista Memorial em Vila Rosária - São Paulo/SP.

⁶ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1004 p.